



A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon, Vanessa Maurenente e Carolina dos Reis

A PESQUISA COMO CRIAÇÃO DE MUNDOS:

20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção
da Psicologia Social

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Amador, Simone Paulon,
Vanessa Maurenre e Carolina dos Reis



ABRAPSO EDITORA

Florianópolis - 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A pesquisa como criação de mundos [livro eletrônico] : 20 anos do PPGPSI/UFRGS na construção da psicologia social / organização Fernanda Amador...[et al.]. -- Florianópolis, SC : ABRAPSO Editora, 2023. PDF

Vários autores.
Outros organizadoras: Simone Paulon, Vanessa Maurenre, Carolina dos Reis.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88473-23-8

1. Ensino superior (Pós-graduação) 2. Pesquisa científica 3. Psicologia social I. Amador, Fernanda. II. Paulon, Simone. III. Maurenre, Vanessa. IV. Reis, Carolina dos.

23-168143

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia social 302

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Projeto gráfico e design de capa: Arnaldo Bublitz
Arte da capa: Vento não se captura, é sentido.
por Zeca Amaral (ezequiel_candidoamaral@hotmail.com)

NEPPICS - PERCURSOS CRÍTICOS E CONEXÕES PLURAIS DE UM GRUPO DE PESQUISA

*Rosemarie Gartner Tschiedel | Bruna Molina Leal | Carlos André Ferreira Lira
Geice Michele Pereira | Luíza Maria da Rocha Zunino | Patrick Deconto Peliccioli
Ricardo André Cecchin | Vinicius Cardoso Pasqualin*

“A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim.” (bell hooks)

Um grupo de pesquisa pode se constituir enquanto *locus* de multiplicidades, fazendo-se canal para diversas vozes, narrativas e vivências. O nosso iniciou suas atividades em 2015 e segue com mestrandas(os) ingressando a cada ano letivo. Em 2019, ganha um nome: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Processos Institucionais, Coletivos e de Subjetivação (NEPPICS). Desde então, vem se constituindo como espaço de discussão, produção e acompanhamento das pesquisas de mestrado e iniciação científica da graduação, agregando uma gama diversa de temáticas, conferindo ao grupo características polifônicas bastante profícuas. As produções permeiam discussões contemporâneas da Psicologia Social em diálogos com diversos campos de estudo como a saúde, a educação, o trabalho, a arte, as políticas públicas e os seus desdobramentos na realidade brasileira, a partir da Filosofia da Diferença e da Perspectiva Descolonial¹.

A pluralidade de temas se mostrou um desafio para a própria nomeação do grupo. Buscou-se dar relevo aos processos institucionais, coletivos e de subjetivação, que transversalizam os estudos e as implicações ético-políticas das(os) integrantes do NEPPICS. O foco na dimensão ética ligada ao ato de pesquisar permeia as

1 O termo descolonial implica a crítica e a desconstrução da lógica da colonialidade, que provém das relações de poder e de dominação política e epistêmica, mas vai além, na medida em que se expressa nas relações intersubjetivas (Zeifert & Agnoletto, 2019). Vale ressaltar que na literatura latino-americana existem outras nomenclaturas (decolonial, anticolonial, pós-colonial) que abordam a mesma crítica, apesar de afirmarem diferenças éticas no campo teórico-político.

nossas discussões, sendo importante considerar a singularidade da experiência da(o) pesquisador(a) na medida em que esta(e) se compromete com a análise dos processos vivenciados no campo, buscando analisar os movimentos, os mal-estares, os afetos e as paixões provocados no próprio ato de pesquisar.

Como grupo, a partir da ética cartográfica, buscamos referências não só enquanto proposição metodológica de pesquisa, mas também enquanto horizonte ético-estético-político, pois, como indicam Barros e Kastrup (2009, p. 54), “é próprio da ciência expor-se ativamente ao mundo”. Tomamos como características do NEPPICS: a valorização dos diálogos inter e transdisciplinares; os estudos acerca dos processos de subjetivação; e as metodologias de pesquisa orientadas pela dimensão processual dos encontros. Frente aos interesses e experiências diversas de seus integrantes, instiga-nos que pensemos sobre a própria dinâmica grupal enquanto espaço de composição e heterogeneidade, falar e poder ser escutada(o) de modo sensível, como afirma Mbandi (2020), espaço que valoriza uma sensibilidade capaz de possibilitar que as diferenças sejam acolhidas e potencializadas.

COLETIVOS, COMPOSIÇÕES E AFETOS: PISTAS PARA UMA REDE DE CUIDADO NO PESQUISAR

Coração é pista de pouso
investir na manutenção da pista para que o amor possa
aterrissar
[...] é tudo uma questão de cuidar e ser cuidado
mais do que assumir o afeto:
se deixar ser afetado pelas sutilezas do cotidiano
(Fabricio Garcia, 2020)²

As imagens do poema em epígrafe nos inspiram a pensar o grupo como pista de decolagens e pousos, como agenciamento de viagens, como lugar de afecções. Entendemos que o NEPPICS, mais do que um grupo de pesquisa formalmente inscrito nas plataformas burocráticas da máquina-de-fazer-ciência-brasileira, configura-se enquanto espaço de encontro, no sentido mais espinosiano conferido a tal conceito, ou seja: como espaço de proliferação e passagem de afetos. Nesses encontros, a discussão produz o seu próprio corpo, uma potencialidade importante para o desenvolvimento das pesquisas.

As(os) participantes que compuseram ou que ainda participam do NEPPICS compartilh(ar)am entre si a mencionada diversidade temática levando as pesquisas a pontos de confluência conceitual e metodológica, tais como: transversalidade,

2 Artista. Fragmento do poema. Postado no Instagram. Fonte: @fabriciogvrciam

diversidade, resistência, análise de implicação, arte, corpo, redes de cuidado, relações étnico-raciais e de gênero, subjetivação, clínica ampliada, políticas públicas, processos coletivos e institucionais; pesquisa-intervenção, cartografia, narrativas, ensaios. A discussão das pesquisas das(dos) companheiras(os) amplia as perspectivas e faz com que a escrita não se constitua um exercício de solidão, mas sim uma prática social e coletiva.

Considerando as diferentes pesquisas e os desafios do grupo no contexto atual, é necessário refletir quanto às contribuições que advêm da vivência das(os) integrantes, de momentos anteriores e atuais do mestrado, que enriquecem a experiência de se fazer pesquisador/a e cartógrafo/a. No NEPPICS, nos reconhecemos como parte de um processo grupal e coletivo cujo campo de imanência congrega diferentes forças e fluxos que se esbarram e se agenciam com algumas premissas. Assim, interessa-nos nesse processo de composição, perseverar na articulação de arranjos heterogêneos que busquem, não o enrijecimento individualista e universalizante, mas a viabilização de experiências cujo horizonte seja a perspectiva do comum, aqui entendido como composição heterogênea de forças. Nesse sentido, entende-se o comum como algo que não está dado, não está sempre disponível, produz-se nas relações, estando uns com os outros, ou seja, estar em comum é 'estar entre'. Teixeira (2015) analisa que o comum é formado por um conjunto de composições relacionais que possibilitam a criação de outros corpos dotados de singularidade. Estas composições em rede articulam-se, também, com partes que não a constituem, produzindo novas relações, transformando o comum e produzindo potências. Assim, o comum pode ser instaurado a partir das singularidades que surgem das relações entre os corpos, constituindo-se mediante a articulação e o reconhecimento do outro.

Ao buscar experimentar a produção de um comum entre as(os) participantes, problematizamos as práticas do NEPPICS, marcadas pelos tensionamentos provocados pela demanda de uma produtividade neoliberal no contexto da pós-graduação. Estar atento a esses afetos que balizam nossas práticas torna-se necessário, de modo a tomar o Cuidado de Si como uma ética que transversaliza esses processos. Ele se constitui como “um conjunto de práticas pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos uns com os outros” (Foucault, 2018, p. 14). Tanto como ferramenta conceitual, como prática de si, ele pode auxiliar a fortalecer as relações consigo e com o coletivo no espaço grupal, pois implica uma dobra ética em si mesmo e em relações complexas com os outros – uma vez que esse *ethos* da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros. Nesse sentido, ao cuidar de si cada pessoa exerce o seu poder sobre si mesma, poder este que regula o poder sobre os outros.

O cuidado de si é um exercício que exige atenção a si e propõe, justamente, o conhecimento sobre seu lugar no mundo, o que possibilitará não extrapolar seu

poder sobre outras pessoas, construindo-se relações mais libertárias e autônomas. Implica que se converta o olhar, que se conduza do exterior para si mesmo. E não deve ser confundido com o *autocuidado*, cuja prática pode reforçar um comportamento egocentrado e individualista. O cuidado de si vai na contramão dos processos neoliberais ao afirmar sua dimensão coletiva, suas relações com o entorno e com aqueles que fazem parte de seu contexto. Assim pensado, o cuidado de si nos permite reconhecer e ocupar um lugar convenientemente ético na cidade, na comunidade e nos nossos grupos.

Afirmamos esse lugar em relação aos processos de pesquisa quando temos esse compromisso de cuidar de nós mesmos e dos outros na produção de um comum. Nos situamos coletivamente como pesquisadores que adotam uma proposição de micropolítica ativa, como aponta Suely Rolnik (2018). Apostamos na ética de afirmação da vida e na escuta que aponta “para as demandas da vida em sua insistência em persistir” (Rolnik, 2018, p. 64). A ética que sustenta nossas práticas tem sua pedra fundamental no saber cuidar, buscar compor coletivamente. Ailton Krenak (2019) evoca a importância da experiência coletiva, da nossa circulação no mundo como fricção e na possibilidade de poder contar uns com os outros.

A partir dessa experiência, sobre o nosso modo de compor, gostamos da imagem trazida por Rui Moreira (2020), bailarino e coreógrafo³ acerca do seu processo de organização “metodológica”:

ele é ritualístico, é bastante ritualístico, porque ele tem essa relação do tempo, essa relação de algo que pode até parecer de certa forma caótico, mas cada um chega e traz aquilo que tem, daquilo que tem a gente organiza ou a gente se mistura, e dessa mistura a gente começa a abrir para que outras pessoas possam, outras pessoas eu digo, primeiro para nós mesmos não é, possamos ali nos entendermos ou não nos entendermos porque às vezes não se entender é mais rico que se entender, e dessa estrutura toda, acabam saindo situações que quando a gente olha depois a gente pensa que só poderia ter sido assim. (Moreira, 2020, transcrição nossa)

A partir de um olhar da análise institucional podemos refletir sobre o nosso processo grupal, sendo este marcado por alguns “rituais” cotidianos. Antes da

3 Rui Moreira é um importante artista da dança brasileiro, com quatro décadas de atuação no cenário cultural mundial. Atua como bailarino intérprete criativo e criador, coreógrafo gestor de projetos e curador. Desenvolve investigação gestual focada nas culturas africanas subsaarianas e na afrodescendência, com base conceitual nas expressões tradicionais patrimoniais, populares e contemporâneas. Desde 2016 reside em Porto Alegre/RS, cidade na qual cursa Graduação em dança na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A fala do artista foi retirada da sua palestra intitulada “*Dança(s) Negra(s) contemporâneas: O corpo a serviço da subjetividade*” no evento Danças Negras em conexão II Promovida pelo grupo Encruzilhada - Grupo de Pesquisa em Dança da UFS, da Graduação em dança da Universidade Federal de Sergipe. A palestra está disponível, gravada, na página do grupo no link: <https://www.facebook.com/108487334221439/videos/1350382082019476>

pandemia de Covid-19 ...o cafezinho com biscoitos, a mesa redonda e, atualmente, o aplicativo de videoconferência, a conversa fluida e por vezes caóticas — “que eu desorganizando posso me organizar, que eu me organizando posso desorganizar” — e outros elementos de cotidianidade também compõem os processos de pesquisa. Alguns conceitos são vivenciados pelo grupo como exercícios, intentamos a prática imbricada com a teoria. Os analisadores, conceito da análise institucional, por exemplo, enunciam o modo como nos relacionamos, como nos cuidamos e nos apoiamos no processo do pesquisar.

A abertura para essas composições de multiplicidades carrega “consigo a pulsação intensiva dos novos modos de ver e de sentir – que se produziram na teia de relações entre os corpos e que habitam cada um deles singularmente” (Rolnik, 2018, p. 61). A consideração de qualquer existência mínima faz dos gestos a expressão, ou melhor, a produção de mundos melhores, mais solidários e abertos às multiplicidades. Gestos como oferecer uma caneca de café à(o) colega, um livro que repousa sobre a mesa, uma companhia na caminhada, diluem a primazia do sujeito sobre “objetos”, ou hierarquias entre agentes humanos e não-humanos. Krenak (2019) discute muito bem a noção de Antropoceno em que somos colocados à uma posição de humanidade versus a natureza, numa dada vaidade perante as outras existências. A sombra das paineiras na rua, o vento empoeirado, o barulho das motocicletas, as notícias do jornal e o que nos faz tropeçar, todos esses seres e acontecimentos podem ressoar conosco numa composição.

DESAFIOS DE UMA ESCRITA COLETIVA

Enquanto grupo de pesquisa, embora não tenhamos assinado nenhuma publicação de forma coletiva até então, entendemos que a experiência da escrita plural pode ser canal de passagem para uma profusão de vozes que compõem nossa andança cotidiana, fazendo com que os encontros do grupo se configurem como espaços de cuidado e agenciamento de corpos. Nossos momentos de leitura conjunta provocam movimentos, acionando o pensamento e se fazendo presentes nos projetos e pesquisas, são autoras e autores que cruzam fronteiras suscitando a interlocução, como um convite para ouvir atentamente e falar o que tem sido historicamente silenciado.

Neste capítulo, propomos ir além da discussão, apostando na produção escrita das páginas em um exercício de artesanias das palavras compartilhadas. Para tanto, convidamos nossas(os) colegas egressas(os) para compor a experiência de autoria coletiva deste capítulo, que extrapola a si mesma numa multidão de escritoras(es). Desde esse ponto de vista, postulamos que a própria noção de autoria se apresenta agora nebulosa, porém uma autoria coletiva demanda um debate quanto

a que coletivo nos referimos e esse deve ser concebido para além da coletividade localizada no agrupamento de pessoas e ideias, conforme destacado por Guattari:

o termo coletivo deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade desenvolvendo-se para além do indivíduo, do lado do socius, como também aquém da pessoa, do lado das intensidades pré-verbais, revelando mais uma lógica dos afetos que de uma lógica de conjuntos de bens circunscritos. (Guattari, 1990, p. 8)

As escritas – supostamente território sob os ditames do autor-rei, embebido pelas mais sedutoras pretensões egoicas – se configuram como campos onde brotam uma multiplicidade de fluxos, cuja gênese é o próprio encontro de corpos, sejam eles humanos e não humanos, em plena experiência de agenciamento. Uma política de escrita afetiva, combativa e implicada só é possível quando em contágio com os afetos, em um mosaico discursivo complexo que se configura enquanto composição, como lance de dados, possível apenas a quem se permite experimentar. Certo modo de fazer ciência, ainda hegemônico e submisso aos anseios platônicos de desprezo ao corpo, coage o pesquisador a silenciar os fluxos que o afetam, divorciando o autor do seu desejo de produção, para fazer triunfar as certezas de uma suposta totalidade, imparcialidade, como se fosse possível um apagamento subjetivo do autor mediante a interdição das impurezas do *pathos*. A sociedade, e a educação superior inscrita nesse meio, é forjada nos moldes em que o capitalismo separa mente do corpo e somos incitados a competir uns com os outros. A paixão raramente é considerada no ambiente institucional, sendo o amor, o sensível e as emoções consideradas ainda um impedimento às análises “objetivas” (hooks, 2013).

Assim, a escrita carrega o desafio de dar passagem a estes diversos afetos e tempos múltiplos de ocupação da Universidade, das pesquisas, de corpos diversos. As leituras provocam movimentos, acionando o pensamento e se fazendo presentes nos projetos de pesquisa. Se entendemos que a produção de conhecimento vem atrelada à prática ético-política, um saber localizado e condizente com as demandas de seu tempo, é, portanto, de diversas linhas, atravessamentos, contextos subjetivos e políticos tanto dentro quanto fora da Universidade que se propõe contemplar.

Consideramos que buscar nos processos de escrita a transparência dos infinitos *particulares* pode ser uma estratégia um tanto infrutífera, ainda que o pensamento moderno aponte para essa possibilidade a cada novo amanhecer, como se sob o véu da representação repousasse certo universo íntimo, ou ao menos a tentativa de codificação de determinado estado de coisas. Sabemos que a escrita, as palavras, são extrapoladas por um indizível dos corpos que podem estar nesses silenciamentos do sensível. No entanto, afirmamos a palavra e o escrever, nas possibilidades de

linguagem e comunicação, aproximando-se também da potência dos corpos e de discursos não-verbais (Simas & Rufino, 2019).

Afirmamos aqui um tipo de horizonte ontológico e epistemológico, que se encontra inevitavelmente imbricado com a orientação ético-política de nossas produções enquanto pesquisadores(as). Ao fazer pesquisa, a escolha ético-política marca todas as etapas, desde questões epistemológicas quanto metodológicas. Imbricados por leituras descoloniais, antirracistas, pós-modernas, antissexistas, as pesquisas elaboradas no grupo bebem também do pensamento da filosofia da diferença, com atenção às implicações que possam atravessar as discussões. Deleuze e Guattari (1995) formulam um princípio metodológico baseado na perspectiva do rizoma, em contraponto a uma fotografia estática, de maneira a abranger múltiplas possibilidades de composição, em que as linhas de força se cruzam constantemente, ora se superpõem, ora seguem seu caminho, ora são interrompidas.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. [...] um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre 'ao mesmo.' (Deleuze & Guattari, 1995, p. 22)

É neste movimento que surge a cartografia, como experimentação, na composição de um mapa amplo, dando ênfase à processualidade na construção de novos meios de entender. E, dessa maneira, a ação de pesquisar está imbricada nos processos e suscetível às forças atuantes nesse rizoma. Sabemos que somos produzidos a todo momento e que isso depende de um jogo de forças, nos incomodamos com a naturalização de coisas do cotidiano e vamos lançando analisadores para desnaturalizar práticas. Logo, é necessário destacar a dimensão ética adotada, pois parte-se do princípio de que “a implicação existe mesmo que não a desejemos. Trata-se, pois, de analisar mais o modo de implicação do que sua existência, ou a quantidade de implicação, já que ela não pode ser medida em peso” (Monceau, 2008, p. 22). Para Romagnoli (2014), a análise de implicação é um conceito intercessor que reativa o singular e o coletivo nas redes de relações que estabelecemos. A análise de implicação torna-se uma ferramenta necessária também para análise dos lugares de fala (Nogueira et al., 2020; Ribeiro, 2017) que ocupamos e quais afetos, relações de poder, silenciamentos e (in)visibilidades mobilizamos quando estamos em um coletivo de pesquisas, junto aos participantes das pesquisas e projetos de extensão. Desse ponto de vista, temos essa como uma das estratégias para a escuta e a intervenção em que a análise se compõe de elementos macro e micropolíticos, não apenas como um somatório para análises

múltiplas, mas em uma perspectiva interseccional sustentada por uma análise também estrutural quanto aos seus efeitos políticos (Akotirene, 2018).

Entendemos as estratégias metodológicas como uma possibilidade de exercício ético no pesquisar. Sempre associadas a uma escuta sensível, as estratégias adotadas nas pesquisas buscam associar-se a um compromisso político do NEPPICS - vinculado a uma universidade pública, comprometida com o ensino, pesquisa e extensão. Ao longo da nossa escrita coletiva seguimos afirmando a importância de evocar pesquisas que problematizem os reducionismos, gerando variações de pensamentos, nossos e de quem encontramos com as pesquisas.

O CORPO DO(A) PESQUISADOR(A): TERRITÓRIO DE PASSAGEM DE INTENSIDADES

Ainda que apostemos na potência disruptiva das linhas de segmentaridade mais flexíveis, como material para a invenção de outros mundos e outras pesquisas, nossa experiência enquanto pesquisadoras(es) está associada a um quadro mais amplo da vida política de nosso país. Compreender o grupo inserido no seu tempo traz algumas reflexões sobre as dificuldades e impasses de produtividade como um analisador do trabalho acadêmico.

Na universidade pública, destacamos nosso compromisso ético tanto com a pesquisa quanto com a extensão. Nesse sentido, compreendemos as extensões universitárias como modos de provocar efeitos subjetivos (criação de modos de viver e existir) e promover encontros. Muitas das pesquisas se produzem nas extensões universitárias inventando modos de fazer a pesquisa acontecer, meios, fluxos, amarrações. É importante voltar a atenção e recorrer à pesquisa como meio de resistir aos processos de sujeição que atuam como barreiras à potência de vida, de maneira a estabelecer modos de luta por funcionamentos institucionais mais justos.

Assim, a realidade quanto aos cortes de recursos do Ministério da Educação, assim como a ascensão de movimentos radicais, lutas insurgentes e a polarização política no Brasil, interferem nos modos de se fazer pesquisa, como já destacamos. Sem bolsas de incentivo ao desenvolvimento da ciência, muitas(os) das(os) pesquisadoras(es) da universidade pública precisam trabalhar fora para prover seu próprio sustento e dispor de tempo para estudar e dissertar.

É necessário enfrentar os desafios e aventuras da maquinaria burocrática inscrita nas disputas macropolíticas como pesquisadores que atuam nas lutas que atravessam os corpos da polis, que vibram ao sabor das intensidades que percorrem a mesma. Intensidades e afetos que têm como substrato as realidades concretas do estado nas suas dimensões capitalísticas, coloniais, racistas, machistas, LGBTQI+fóbicas, especistas e capacitistas.

O texto, enquanto *encarnado*, encharca-se pela vida na polis, com suas contradições, sabores e dissabores. Dessa forma, aquele que escreve já não busca captar o eterno no transitório, mas afirmar a eternidade do transitório, reconhecendo que na aparente manifestação prosaica dos acontecimentos, encontra-se o mundo que se dobra em cada corpo. Pesquisar é, em suma, uma experiência afetiva e coletiva. Eis aí uma consigna que parece nos unir enquanto grupo.

Portanto, não desprezemos esse corpo que pesquisa, nem desdenhamos da sua capacidade de dar passagem para aquilo que pulsa e afirma a vida. Essas são pistas que a ética cartográfica e a ética do cuidado de si deixam para aqueles que se aventuram pelos territórios da escrita e da pesquisa. Divorciar-se desse sentido ético-político enquanto pesquisador, pode significar um perigoso resvalamento que frequentemente nos atrai, desejosos que estamos pela *vontade de verdade* que entorpece o(a) pesquisador(a), fazendo-o(a) querer agir conforme as regras de uma (falsa) neutralidade.

Destituir o corpo desse processo permitirá entronar o indivíduo atomizado como *expert* detentor da verdade sobre experiências que ele pressupõe observar desde um pedestal conferido a ele, segundo as dinâmicas das lógicas de saber/poder que permeiam as relações sociais. Com a intenção de não corromper a pesquisa, tal pesquisador somente revela o caráter ficcional que subjaz sua produção, ainda que busque ocultar tal fato através de protocolos rigidamente adotados, supostamente *desinteressados* ou alheios às discussões ético-políticas que o engendram. Sob o olhar indiferente dos *experts*, muitas atrocidades foram cometidas.

Chegamos até aqui na escrita deste texto tentando fugir da armadilha da vaidade e não foi possível não expor nossa incapacidade/fragilidade na escrita deste texto. Os medos de se expor na escrita são muitos, assim como os impasses do nosso grupo, composto majoritariamente de homens e mulheres cis e brancas(os). Como em todo processo coletivo, há tropeços, travancamentos, deslizos. “Dar conta” seja lá do que for alcançar uma perfeição no texto, seja qual for o idealismo, decididamente não é e nem foi um objetivo deste grupo. Manter a escrita aberta, tal qual um diálogo aberto, é um ato político.

APROXIMAÇÕES, DESASSOSSEGOS, ATUALIZAÇÕES...

Ao postularem a reatualização de uma filosofia comprometida com a produção da diferença, Deleuze e Guattari buscam afirmar o caráter processual de seus conceitos, apontando para a provisoriedade de suas assertivas. Os conceitos atuam como ferramentas que garantem sua pertinência enquanto forem capazes de operar nas complexidades apresentadas pela dinâmica do *socius*. Nessa direção, o pensamento elaborado é datado, podendo e devendo ser revisitado, resignificado, renovado, mutado, de maneira a constituir um composto, um conjunto de

elementos e forças teóricas (Schöpke, 2004). Não trabalhamos com a eternidade dos conceitos, como se estes fossem categorias transcendentais, alheias às paixões e ambiguidades que permanentemente embaralham as cartas do jogo da história, não havendo, portanto, teorias que sirvam como guia seguro para o viajante. Isso ocorre tão somente porque os fluxos do desejo, erráticos por excelência, encharcam-se nas intempéries da história, apresentando-nos sempre novos desafios, complexidades e arranjos, que se constituem ao sabor de agenciamentos sempre inéditos. Para Deleuze e Guattari (2010, p. 50) “as máquinas desejantes são a categoria fundamental da economia do desejo, produzem por si mesmas um corpo sem órgãos, e não distinguem os agentes das suas próprias peças, nem as relações de produção das suas próprias relações”.

Ao ocupar o espaço da universidade, somos também impelidos a tensionar criticamente lógicas hegemônicas (patologizantes, capacitistas, cisheteronormativas, racistas, individualizantes, meritocráticas, moralistas) que constituem as relações sociais nas suas mais diversas esferas. Isso posto, faz-se mister a desnaturalização de estruturas políticas e epistemológicas que forjam e determinam as bases da racionalidade colonial incorporadas ao *modus vivendi* moderno. No centro dessas disputas vemos despontar, também na Universidade e na produção de conhecimento, a emergência de pautas que promovam uma sintonia mais fina, capaz de diminuir abismos socialmente construídos entre a academia e a luta dos movimentos politicamente minoritários.

Vislumbrar uma universidade implicada com as questões candentes da sociedade significa desnaturalizar as trágicas empreitadas coloniais que historicamente subalternizaram todos aqueles cujas sociabilidades não eram consideradas civilizadas e, portanto, incompatíveis para o programa moderno. Na esteira dessas disputas, a própria universidade despontou como lugar dessas tensões, colocando em xeque o suposto véu democrático dos espaços acadêmicos. Como nunca antes na história dessas instituições, interrogou-se sobre as possibilidades de fortalecimento da presença de LGBTQI+, negras(os), mulheres periféricas, indígenas e pessoas com deficiência nesse ambiente, sendo ele também reflexo das normatividades que atravessam a sociedade brasileira. Não apenas a dificuldade de acesso e permanência na universidade adquire relevo enquanto agenda política desses grupos, mas a própria necessidade de reorientação curricular dos cursos, o que significa uma abertura para autoras(es) negras(os), indígenas e do sul global, trazendo consigo cosmologias e perspectivas de compreensão da realidade até então alijadas do universo acadêmico.

Tais descentramentos correspondem a rupturas sem precedentes na história da universidade brasileira, promovendo reflexões que enriquecem o exercício intelectual de professoras(es) estudantes e pesquisadoras(es), frequentemente habituados às coordenadas epistêmicas forjadas sobre bases eurocêntricas. O direito

ao acesso à universidade passa a incluir também o direito à representatividade no âmbito intelectual, o que redundará em maiores possibilidades de conexão de pessoas negras(os), indígenas e com deficiência com a experiência acadêmica.

Através desses subsídios intelectuais, trazidos à baila com a contribuição de perspectivas teóricas contra hegemônicas descentralizadas, pretendemos problematizar conceitos e abordagens amplamente utilizados como ferramentas de compreensão da realidade. Não se trata de um perecimento absoluto dos conceitos até então estudados e trabalhados, mas do exercício de composição com perspectivas que redimensionam as experiências de grupos sociais dissidentes, que se insurgem frente à posição de subalternidade. Na esteira desses processos, também nossa experiência coletiva enquanto grupo de pesquisa foi afetada pela necessidade de um reposicionamento ético-político ante a emergência destes movimentos. Situamo-nos frente a análise crítica da invisibilidade e silenciamento, tomando a branquitude, a cis heteronormatividade e o individualismo próprio da construção de saber ocidentalizada - em um regime colonial-capitalístico-racista-patriarcal/antro-falo-ego-logo-cêntrico (Rolnik, 2018) - como analisadores importantes para pensar a produção de conhecimento e pensamento na universidade.

Considerando isso, apostamos em estudos plurais e na aproximação de/entre pensadoras(es) a fim de estabelecer efetivas interlocuções, fundamentais para a produção de saberes que possibilitem trilhar caminhos para uma Psicologia Social Brasileira implicada com os embates do seu tempo. Instigadas(os) pelas leituras de Carla Akotirene, bell hooks, Achille Mbembe, Frantz Fanon, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro, Ailton Krenak, Sueli Carneiro, Paulo Freire, Sueli Rolnik, dentre outras e outros, vemo-nos diante da possibilidade de descentramento das abordagens canônicas, também redimensionadas à luz de pensadores(as) imbuídos em reorganizar o mapa que nos orienta na busca por experiências de pesquisa que contemplem uma multiplicidade de formas de ser e habitar o mundo.

Em paralelo a esses movimentos, temos os significativos cortes na educação que se intensificam após o golpe de 2016, que colocaram o país na rota do neoliberalismo e sua “ponte para o abismo”, vendendo como panaceia o teto de gastos, a reforma da previdência, a intervenção de reitores indicados pelo governo nas universidades federais, cortes no financiamento de pesquisas. Essas investidas fizeram e fazem desmontar anos de luta por educação pública e de qualidade como contraponto à lógica privatista na educação em todos os níveis. Tais pautas, que desvelam os movimentos do neoliberalismo que impacta a educação, lança-nos com ainda mais intensidade frente à necessidade de travarmos, enquanto pesquisadores, pesquisas que imponham resistência a essas investidas.

Assumir tal desafio corresponde a um incremento das possibilidades de análise de implicação, inscrevendo o ato de pesquisar nas tramas éticas às quais não podemos nos furtar de habitar, principalmente quando o ambiente social e

político parece refratário às possibilidades de afirmação da diferença. Nesse sentido, tornamos nossas produções permeáveis ao devir que irrompe dos arranjos heterogêneos provenientes das experiências de alteridade, atualizando nesses encontros a impreterível necessidade de uma reapropriação histórica e conceitual sobre bases dissidentes do projeto colonial que nos atravessa.

A partir da observação das produções do grupo, percebe-se a pluralidade enquanto pesquisadores, citamos algumas delas: pistas para o cuidado de si com professores; o trabalho com crianças em situação de vulnerabilidade social nos contextos periféricos; redes de proteção às mulheres vítimas de violência; a literatura *beat* como intercessor para pensar a produção de subjetividade capitalística e o neoliberalismo; uma cartografia das experiências de dançar com jovens de uma companhia jovem de dança, analisando a produção de subjetividades e os movimentos do corpo-território como possibilidade de potência; a problematização da lógica capitalista que atravessa professores e professoras tomados pela realidade de ensino remoto emergencial no período de pandemia e a análise de potencialidades e desafios vividas com essa experiência; a ética cartográfica e antirracista a partir da análise do dispositivo da branquitude na produção científica e na formação em saúde mental; a extensão universitária em espaços de educação e produção de subjetividade na intersectorialidade; a formação de territórios subjetivos a partir das experiências coletivas no espaço público de uma comunidade periférica; os modos de cuidado que podem ser construídos na Atenção Básica/Primária para a saúde mental da criança mental infanto-juvenil.

As pesquisas, na medida em que abordam problemáticas sociais candentes, reafirmam o papel da universidade pública enquanto espaço de discussão e produção capazes de refletir sobre diferentes contextos, seja a partir da pesquisa, seja através da extensão. O grupo, enquanto dispositivo de proliferação de afetos e intensidades, produz, de algum modo, redes de resistências para todas(os) envolvidas(os) nessa experiência coletiva. Através de uma artesanaria de afetos, teorizações com diferentes autoras(es) e saberes localizados, que afirmamos a potência curativa da pesquisa em relação aos modos adoecidos de viver. Apostamos nas micropolíticas inventivas e na produção de sentidos para aquelas(es) que se aventuram nas tramas dos processos institucionais, coletivos e de subjetivação.

REFERÊNCIAS

- Akotirene, Carla** (2018). *O que é intersseccionalidade?* Letramento.
- Mbandi, Nzinga** (2020). E se eu falar, você me escuta? In G. Nogueira, N. Mbandi, & M. Trói (Orgs.), *Lugar de fala: conexões, aproximações e diferenças* (pp. 15-20). Devires.
- Deleuze, G. & Guattari, F.** (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Ed. 34.
- Deleuze, Gilles & Guattari, Félix.** (2010). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Editora 34.
- Foucault, Michel** (2018). *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. WMF Martins Fonte.
- Guattari, Felix** (1990). *As três ecologias*. Papyrus.
- hooks, bell** (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Martins Fontes.
- Barros, Laura P. & Kastrup, Virgínia** (2009). Cartografar é acompanhar processos. In Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, & Liliana da Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 52-75). Sulina.
- Krenak, Ailton** (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Monceau, G.** (2008). Implicação, sobreimplicação e implicação profissional. *Fractal, Revista de Psicologia*, 20(1), 19-26.
- Nogueira, Gilmaro, Mbandi, Nzinga, & Trói, Marcelo** (Orgs.). (2020). *Lugar de fala: conexões, aproximações e diferenças*. Devires.
- Ribeiro, Djamila** (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento.
- Rolnik, Suely** (2018). *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. N-1edições.
- Romagnoli, R. C.** (2014). O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 44-52. <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/06.pdf>
- Schöpke, Regina** (2004). *Por uma Filosofia da Diferença*. Gilles Deleuze, o pensador nômade. Contraponto/Edusp.
- Simas, Luiz Antonio & Rufino, Luiz** (2019). *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas*. Mórula Editorial. Edição do Kindle.
- Teixeira, Ricardo Rodrigues** (2015). As dimensões da produção do comum e a saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 24(supl.1), 27-43.
- Zeifert, Anna Paula B. & Agnoletto, Vitória** (2019). O pensamento descolonial e a teoria crítica dos direitos humanos: saberes e dignidade nas sociedades latino-americanas. *Revista Húmus*, 9(26). <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/12077>